

RELIGIÃO, IDENTIDADE E DIÁLOGO: UM ESTUDO NA ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO

Gilmar Gonçalves da Costa
Mestrando em Ciências da Religião – PUC/SP
gilmargeog@yahoo.com.br

A obra “Religião, identidade e diálogo: experiência intercultural de um jovem negro africano” é a primeira publicada pela Editora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, cujo objetivo é diagnosticar e refletir a relação da identidade em diálogo com grandes religiões engendradas em realidades diferentes e, até mesmo, paradigmáticas. Trata-se de um estudo que apela para o eixo conceitual que gira e articula caracteristicamente entre os mais espinhosos da convivência do cristianismo ocidental e as crenças nativas da África Negra e do Islamismo. Com isso, o autor analisa e interpreta, apoiado na historicidade, a possibilidade da adaptação e de transformação e a permanência de significados religiosos os quais configuram e reconfiguram as culturas a partir dos encontros e desencontros das grandes religiões. Nesta Editora, que ora menciono, há várias publicações de natureza sobre identidade, mas a produção de Waway Kimbanda Rufin é a que marca o início de publicações acadêmicas sobre religião, identidade e diálogo, partindo da experiência intercultural entre religiões.

O livro é fruto da tese de doutoramento defendida em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, um texto necessário para quem procura conhecer mais sobre religiões em diálogos. A obra é organizada em cinco momentos exaustivos, a saber: introdução, primeira parte (subdividida em três capítulos), segunda parte (com dois capítulos), considerações finais e uma longa bibliografia. Como aponta Edênio Valle no prefácio: “o leitor tem em mãos

um livro original que se situa na complexa interface da Antropologia Cultural, das Ciências da Religião e da Filosofia da Cultura” (p.11).

Para analisar e interpretar o diálogo entre o cristianismo e as crenças nativas africanas, Rufin tomou como referência material a experiência intelectual paradigmática de um negro africano, um sudanês do grupo Dinka, Sorur Deng (1866-1990), como ilustração ontológica da identidade cultural religiosa do negro no contexto cristão-católico pluricultural e intercultural. Para isso, o autor recorreu a textos manuscritos do final de 1800, em língua italiana, que Sorur estudou no Colégio *Propaganda Fide* (atual Colégio Urbano), entre 1877-1883, em Roma.

A partir da experiência cultural de Sorur, Rufin procura mostrar que os fenômenos religiosos são expressões sociais as quais são configuradas e reconfiguradas de acordo com o processo de metamorfose da sociedade e é, a partir dessas expressões, que conceitos como *identidade cultural*, *intercultural*, *identidade negro-africana* são identificados e analisados. Para sabatinar esses conceitos em congruência com a experiência cultural empírica de Sorus, resgatou a categoria antropológica de *relação*, priorizando a dimensão da *intersubjetividade* para fundamentar sua argumentação. A exploração de conceituações filosóficas, antropológicas e psicossociais intimamente relacionadas com as tradições judaico-cristãs e negro-africanas possibilitou o diálogo entre culturas.

O livro possui 270 páginas. O prefácio chama atenção para uma importante contribuição dada por Rufin, a partir de sua pesquisa: as Igrejas Cristãs, em especial a Católica – Sorur foi sacerdote dedicado, tem muito a aprender e a apreender com os paradigmas referentes às religiões, identidades e diálogos engendrados em experiências interculturais, sobretudo do negro-africano. A introdução apresenta o retrato do projeto a ser desenvolvido e, destaca que o tema identidade é recorrente às culturas que surgem e reaparecem de tempos em tempos, mergulhados explicitamente ou implicitamente nos seios-labirintos da sociedade, sobretudo em tempos contemporâneos marcados pelo processo do capitalismo e dos meios de produção. Rufin deixa claro qual é o seu objeto de pesquisa: identidade cultural-religiosa em diálogo. Nas suas palavras: “objeto de estudo traduz, portanto, o cotidiano, não porque vivemos em uma sociedade sempre colorida e complexa, mas porque todos têm continuamente oportunidades de se encontrar com pessoas que são diferentes de nós por cultura, religião, pensamentos, idade, comportamento, sexo, etc.” (p. 14). Assim, para ele, o ponto de partida é: como ser negro-africano – com a própria tradição religiosa – em um mundo cristão? Como ser *você* em espaço e tempo do *outro*? É possível um negro viver sua experiência cultural originária em um mundo que não é dele e do qual ele depende para realizar seu projeto de vida? Estas são norteadoras do estudo, a elas se acrescentam uma questão de fundo: o que fazer com as diferenças culturais, sobretudo étnico-religiosas? Sendo assim, a identidade cultural remete evidentemente a um “recolhimento” de uma experiência *vital* de vida.

A primeira parte do trabalho composta por 3 capítulos elaborados dentro da perspectiva que leva em conta a *experiência intercultural de Daniel Sorur Deng*. O primeiro capítulo delimita quatro campos de confronto: o negro face à sua cultura de origem, o negro face à cultura árabe-islâmica, negro face à tradição cristã e, por fim o negro face à cultura ocidental. Em suma, o autor aborda o contexto no qual se deu a experiência de Daniel Sorur, refletindo sobre o negro no imaginário ocidental, sobre configuração e reconfiguração da

ideologia racista – sobretudo no mundo ocidental cristianizado. No segundo capítulo, coloca a questão da identidade cultural Dinka – crenças nativas africanas sudanesas. O autor para compreendê-las recorre a fontes autobiógrafas de Sorur, abordando a questão da sua identidade que remete às suas origens. Assim, Rufin salienta que não é necessário que este homem seja um espelho, um modelo do universo negro-católico ou de um universo cultural Dinka para se tornar um sujeito ou indivíduo ou um ser humano filho de uma sociedade, pois o que deve estar em questão dever ser, ou pelo menos deveria ser, a alteridade, respeito ao outro – seus costumes, seu modo de viver. No terceiro capítulo, discuti-se a identidade a partir da obra de Sorur. Aqui, evidentemente, a identidade de Dinka não é verificada e compreendida como uma categoria estática, mas sim dinâmica a qual é explicada e interpretada por Sorur nos aspectos históricos e relacionais de encontros e desencontros pluriculturais e interculturais, construindo uma estrutura parcial às metamorfoses engendradas na dimensão híbrida entre as tradições Dinka, hebraico-cristãs e mulçumanas.

A temática sobre *identidade e convivência intercultural* compõe a segunda parte da pesquisa, composta por 2 capítulos (o quarto e o quinto capítulos do trabalho) os quais sabatinam os conceitos *identidade cultural* e *intercultural* apontando para a insuficiência acadêmica, ambiguidade e polissemia no uso eclesial e neoliberal. O quarto capítulo trata do negro cristão face à identidade em tensão. Para o autor, o questionamento básico que permanece como *background*, como pano de fundo da pesquisa é:

Como fazer parte de uma cultura que nos dá uma identidade, que nos faz diferentes, que nos dá valores específicos, e, ao mesmo, tempo estar ativamente integrado num contexto social intercultural, em pleno desenvolvimento, que propõe projetos humanistas de emancipação com escopo universalista e hegemônico, enfrentando as reações paradoxais de resistência? (p.127).

Este é um dos problemas mais complexos, paradigmáticos e desafiadores que se enfrenta e toma o seio do cristianismo em geral, sobretudo a Igreja Católica enfrentou ao logo de sua história nos mais variados espaços do mundo ocidental e em diversas escalas temporais. É diante dessa problemática que o conceito de identidade, embora pareça compreensível, é complexo, apresenta-se desafiador e provoca, em especial, os antropólogos, cientistas da religião e filósofos. Conceito difícil de ser definido por sua polissemia em consonância com as dimensões lingüísticas, geográficas e históricas. O conceito de identidade deve ser tomado e compreendido como um conjunto de circunstâncias que fazem com que uma pessoa seja aquela determinada (identidade pessoal) que evoca as noções complementares de oposição e de totalidade, sendo que “a existência de um de nós supõe a de vocês e a relação nós-vocês se desenvolve em um determinado espaço sociocultural” (p.141).

O universo da convivência intercultural no contexto religioso é o eixo central do quinto capítulo do livro. Para Rufin, o fenômeno da Religião é algo que não se deve negar, está inserido intimamente nas expressões sociais e, em particular, no ser humano. Nesse sentido, a questão da identidade religiosa é uma parte essencial à nossa identidade cultural, marcada por um contexto de pulverizações das mais variadas manifestações religiosas

coletivas as quais cicatrizam o mundo ocidental. A questão que move capítulo quinto, pode se expressa: como compreender o conceito de intercultural como lugar e coletivo de uma vida marcada pelo religioso? Para responder a esta indagação, Rufin recorre à linguagem simbólica segundo a qual as expressões sócio-culturais são explicadas pela práxis religiosa dentro de uma dimensão teológica. Busca em Emmanuel Lévinas o suporte teórico dessa discussão, reconhecendo que o uso do conceito *intercultural* é recente nas ciências humanas. O fecundo desenvolvimento da abordagem deste conceito nos últimos anos nos oferece uma ferramenta necessária para verificar e analisar as tensões entre as religiões. O conceito *intercultural* entre as culturas como “uma situação em que as gentes de culturas diferentes interagem em torno de um projeto ou uma base comum que exige tal interação (pano de fundo qualitativo). Ela não deve pertencer à esfera dos fenômenos naturais, mas deve ser desejada, estimulada e planejada” (p.190).

Nas considerações finais, Rufin justifica que a relevância desta pesquisa relaciona-se ao fato ser um necessário e fundamental referencial teórico para o pesquisador e estudando das Ciências da Religião no campo do diálogo inter-religioso no âmbito da identidade cultural. Para o autor, a questão da identidade cultural religiosa deve ser estudada na interseção entre Antropologia (psicologia social) e Religião (teologia). No cerne do estudo, mostra que a identidade cultural se dá e se constrói nas mais variadas expressões de experiências sociais. Para um diálogo intercultural face ao paradigma *interculturalização*, a questão é fazer análise e reflexão do que está por trás das manifestações culturais religiosas, sobretudo aquelas calcadas pelo mundo cristão-católico em tensão com as crenças nativas do negro-africano e o mundo islâmico.

Os grandes temas são estudados no âmbito da antropologia da religião em consonância com as Ciências da Religião. Investigação necessária e atual para todos que se interessam em compreender questões relativas à religião aplica também à „sociedade leiga“ no que se refere aos estudos sobre cultura. A obra chama a atenção do leitor para a quantidade e a qualidade dos significados religiosos antigos e novos. O tema do trabalho traz à tona a pauta das discussões sobre identidade em diálogo, tendo em foco a alteridade na perspectiva multicultural e intercultural das grandes religiões. A bibliografia é marcadamente antropológica/filosófica/teológica, reflexo da formação do pesquisador. Assim, reflexão fenomenológica se faz presente à vezes implicitamente outras explicitamente. Afinal, se fizermos uma ponte da presente abordagem de Rufin com Pye (1974), devemos considerar que a arquitetura fenomenológica nos estudos sobre religião compromete o posicionamento acadêmico e intelectual das Ciências da Religião? Ou ainda não estamos maduros o necessário para assumirmos a fenomenologia como um ramo de conhecimentos que possibilite a afirmação da autonomia e o status da nossa Disciplina? São questões que chamam a atenção do Cientista das Ciências da Religião para metarreflexão, visando à autonomia e status institucional acadêmico desta Disciplina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PYE, Michael: *Problems of Method in the Interpretation of Religion*, Japanese Journal of Religious Studies 1/2-3 June-September 1974.

RUFIN, Waway Kimbanda. *Religião, identidade e diálogo: experiência intercultural de um jovem negro africano*. Montes Claros – MG: Editora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, 2009.